



XI Colóquio Internacional
“Educação e Contemporaneidade”
São Cristóvão/SE/Brasil
21 a 23 de Setembro de 2017
ISSN: 1982-3657



Recebido em:
05/08/2017
Aprovado em:
06/08/2017
Editor Respo.:
Veleida Anahi
Bernard Charlort
Método de
Avaliação: Double
Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi:

DO SUJEITO INDIVIDUAL AO SUJEITO SOCIAL: NA TRADUÇÃO DE EXPERIÊNCIAS INACABADAS

ANA ELISABETH SIMOES BRANDAO

EIXO: 22. EDUCAÇÃO E PESQUISA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS

Resumo: A experiência com o Projeto *Vidas em movimento: formação de liderança jovem em mobilização cultural e atuação social*, no Liceu de Artes e Ofícios da Bahia, indicou cruzamentos de teorias e práticas das Ciências Sociais, Arte, Cultura e Educação que merecem ser refletidos. Assim, entendida a relação entre o sujeito e a identidade, pretendo instigar traduções e conexões que permitam uma reflexão mais ampla sobre o contexto, trazendo conhecimentos identificados em Agnes Heller, como as noções de sujeito representativo; Edgar Morin, ampliando a compreensão sobre complexidade e sujeito pessoal e social na participação como ator e autor; e Stuart Hall, nas questões das identidades. Esta experiência artística e educativa indica um olhar ampliado e prospectivo, com capacidade de perceber representações sociais inacabadas, abertas, para que, ao nosso tempo, sejam revisitadas.

Palavras-chave: Sujeito pessoal e social. Ator-autor. Participação social.

Abstract: The experience with the project *Lives on the move: training of youth leadership in cultural and social mobilization*, in the school of Arts and crafts of Bahia, provided intersections between theory and practice in the social sciences, arts, culture, and education. These intersections deserve to be reflected. Thus, the relationship between the subject and the identity, tend to instigate translations and connections that allow a broader reflection on the context, bringing knowledge identified by Agnes Heller, as the notions of subject representative; Edgar Morin described it as broadening the understanding of complex personal and social subjects in participation as actor and author; and Stuart Hall on issues of identities. This artistic and educational experience gives an enlarged view and prospective, with the ability to perceive unfinished social representations so that, in time, they may be revisited.

Keywords: Personal and Social Subject. Actor-author. Social participation.

É no período compreendido entre os séculos XVI e XVIII que se instala o pensamento da modernidade ocidental, sustentado, simultaneamente, por dois pilares: o da regulação, pautado em princípios construídos a partir da relação entre o Estado, o mercado e a comunidade, em que a ordem, *a priori*, deveria surgir para organizar e se contrapor ao caos; e o pensamento da emancipação, que negava a visão colonialista em direção ao princípio da solidariedade, vislumbrado sob os referenciais da racionalidade estética - das artes e da literatura -, da racionalidade das ciências e da racionalidade da moral - da ética (SANTOS, 2011 apud BRANDÃO, 2016, p. 110). Com o capitalismo, no início do século XIX, a produção industrial instala um processo de degradação a partir da exploração de mão de obra, revertendo os ideais de transformação das energias emancipatórias em energias regulatórias, provocando um retardo nos processos de mudanças, de qualquer espécie e de difícil superação.

O olhar regulatório dominou por muito tempo e o pensamento da emancipação sucumbiu perante a um conhecimento eurocêntrico, apresentando-se como verdade única pela ciência moderna. O paradigma da modernidade, ao mesmo tempo que trazia inovações sociais e culturais, apresentava elementos constitutivos baseados em excessos e em

déficits de promessas que não puderam ser cumpridas.

É neste cenário que surge a teoria científico-social, constituindo-se, desde então, em uma longa fase de reconfiguração do pensamento moderno, abandonando uma epistemologia marginalizada e descreditada, retomando a ideia de um conhecimento emancipatório, pautado no princípio de solidariedade e no reconhecimento da elevação do sujeito em detrimento do objeto. O desafio passa a ser a busca por um pensamento alternativo, que crie vias e desenvolvimento de novos horizontes emancipatórios, possibilitando, também, o surgimento de um paradigma emergente. Ou, em última análise, um olhar ampliado e prospectivo, com capacidade de perceber representações sociais inacabadas, abertas, para que, ao nosso tempo, sejam revistas (BRANDÃO, 2016).

Reafirmo, que esta reinterpretação, trazida para a contemporaneidade, não guarda os rigores da modernidade quanto ao compromisso de colocar ordem ao caos, e muito menos, não reconhece privilégios das coisas e dos fatos em detrimento dos sujeitos e dos contextos. Esses aspectos acham respaldo no pensamento proposto por Santos (2000), quando remete à busca de uma solução para criação de um paradigma emergente, entendido como um pensamento científico social, de caráter emancipatório.

Nesse sentido, uma das propostas do *Projeto Vidas em Movimento* é o de como entender indivíduos como corpos-sujeitos, possibilitando-os, ao mesmo tempo, que transitem e modifiquem ambientes e contextos, na sua relação com a sociedade, no âmbito político-social. Este entendimento inspira-se no pensamento de Morin (1999) quando nos lembra que, o conceito de homem tem dupla entrada: uma entrada biofísica e outra psicossociocultural. Assim, esta dimensão do corpo-sujeito em sua complexidade tem, ao mesmo tempo, natureza biológica e cultural.

Nesse viés de entendimento, a realidade desejada, de maior inclusão social, tem condições de ser alçada a partir de práticas e atitudes solidárias, assumidas enquanto princípio que não só agrega valor humano na escala da comunidade, mas na dimensão da sociedade, como vislumbrada pelo pensamento emancipatório. Dessa forma, no *Projeto vidas em movimento*, tivemos muito o que aprender a partir desses princípios e práticas de sociabilidade e convivência comunitária, presentes e exercitados no cotidiano deste grupo social organizado, a exemplo da participação, da solidariedade, do fazer coletivo.

É estratégico contracenar com diferentes atores, aproximar-se e oferecer a possibilidade de vivência de ação colaborativa em torno de necessidades pessoais e sociais, como forma de realização de ações inseridas em experiências do nosso cotidiano. Na experiência analisada, constatamos que o termo comunidade ora trazia o significado de espaço, de contexto de cidadania, ora era reconhecido como uma comunidade de sentido, em que sujeitos se reconhecem e se irmanam pelas identidades, como também pelas diferenças.

A experiência coletiva traz um pensamento crítico, reflexivo, que comumente convoca a uma participação, enquanto sujeito social, com rebatimentos na dimensão política. A atenção e a necessidade de formação integral desses cidadãos possibilitam que capacidades sensório-motoras de corpos-sujeitos contribuam para agirem como propulsores de mudanças nos seus ambientes e, que se projetadas em um sistema de circulação e disseminação, oferecem meios de um contágio social.

O percorrer de novos caminhos e a relação com grupos diversos permitiu, sem dúvida, para estes jovens, um aumento de aprendizagens, em nível relacional e procedimental, instigando reflexões e produções teóricas a serem consideradas como ensinamentos para trajetórias de condução de processos de participação e de emancipação social. Como nos diz Vieira (1999):

A ideia de identificar conhecimento como um produto gerado somente pelas atividades científicas e filosóficas tem se revelado bastante limitada em nossa época. Não é casual, por exemplo, que estejamos vivenciando agora uma época onde se busca o enlace entre arte e ciência, ou ainda entre arte e tecnologia. No entanto, o que temos aprendido com os mais recentes estudos sobre o ser humano e a chamada Teoria do Conhecimento é que a atividade artística é também uma forma de representar o mundo, mais ainda, é uma forma de sobreviver no mesmo, elaborando altos níveis de complexidade (VIEIRA, 1999, p. 10).

Nesse sentido, podemos afirmar que o *Projeto Vidas em Movimento: formação de liderança jovem em mobilização*

cultural e atuação social[i], desenvolvido no Liceu de Artes e Ofícios da Bahia, promoveu cruzamentos de teorias e práticas das Ciências Sociais, Arte, Cultura e Educação que merecem ser refletidos. Pretendo, dessa forma, instigar traduções e conexões que permitam uma reflexão mais ampla sobre o contexto no qual foi desenvolvido o projeto, trazendo conhecimentos identificados em Agnes Heller, como as noções de indivíduo representativo e formação de comunidades orgânicas; Edgar Morin, ampliando a compreensão sobre complexidade e sujeito pessoal e social, na participação como ator e autor; e Stuart Hall, nas questões das identidades. Todas estas, na perspectiva pautada pela Arte como Tecnologia Educacional, tecidas através de redes, tendo a Estética como ligamento do sensível com as demais áreas de conhecimento.

Introduzo a noção de **sujeito**, de Morin (1999), que ao valorizar a complexidade, categoriza o sujeito como individual e social, e defende o princípio de que,

é porque o sujeito traz em si mesmo a alteridade que ele pode comunicar-se com outrem [...] o princípio da comunicação está, pois, incluído no princípio da identidade e manifesta-se no princípio da inclusão (MORIN, 1999, p. 123)

Essa proposta, de um **sujeito** complexo, enredado na participação e no comprometimento social, encontra em Hall uma interessante chave para discutir as questões de identidade e diferença. O autor defende que “as identidades têm a ver com a questão da história, da linguagem e da cultura, para a produção, não daquilo que somos, mas daquilo no qual nos tornamos” (HALL, 2000, p. 109). Isso nos leva a discussões e construções que priorizem a questão de “quem nós podemos nos tornar”, ao invés de “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, implicando uma perspectiva mais dinâmica do conceito de identidade.

Nesse processo de construção de identidades, os jovens, participantes do projeto, ficaram mais estimulados ao se perceberam no contato com o outro, com o que estava fora deles ou com o que os complementava, criando elos de identificação a partir de um reconhecimento, de uma origem em comum ou de objetivos afins, tornando-os mais preparados para estabelecer vínculos.

Para Hall (2000), a **identidade** é um desses conceitos que operam “sobre rasura”, no intervalo entre a inversão e a emergência. Aponta ainda que o conceito de identidade não pode ser pensado como um conceito essencialista, mas sim como um conceito estratégico e posicional. Esta concepção não tem como referência aquele segmento do eu que permanece sempre “o mesmo”, idêntico a si mesmo, ao longo do tempo. Essa concepção entende que as identidades não são unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; e não são singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou serem antagônicas (HALL, 2000).

Com suas identidades continuamente em processo de construção, o sujeito se encontrará mais disponível e preparado para estabelecer vínculos com o outro, criando elos de identificação a partir de um reconhecimento do que existe, e com propósitos e objetivos em comum – o que resulta em compromisso e solidariedade. Nessa direção, o projeto permitiu aos jovens a identificação com os grupos a que pertencem e a apropriação do ambiente que os cerca, motivando-os a uma atuação coletiva - ponto de partida para a proposição de ações concretas de arte e cultura, conceitualmente orientadas para a participação social e a formação de uma nova cultura de convivência.

Esses valores impulsionam a capacidade de modificar realidades de forma compartilhada e corresponsável em processos e projetos sociais e culturais. Partindo da compreensão complexa do sujeito, na qual estão incluídas noções de autonomia, autorreferência, alteridade, comunicação e identidade, com a perspectiva de enxergar o universo externo que o envolve, pode se constituir enquanto *ator* que vive situações e, acima de tudo, enquanto *autor*, que interfere no mundo com as ações que realiza. Esse duplo papel de **ator-autor**, que o sujeito ocupa na cena social, possibilita também uma dupla apropriação: de si mesmo, enquanto sujeito individual, nas suas diferentes dimensões e no que diz respeito ao empoderamento do ambiente e do seu entorno, e enquanto sujeito social, nas suas diferentes expressões e manifestações.

Sem dúvida, o projeto oportunizou ao jovem, a partir da experiência emancipatória a elevação da sua autoestima, valorizando-o enquanto sujeito importante para si, para o outro e para o mundo. E a Arte constitui-se numa aliada do processo de construção e fortalecimento das identidades, apontando um novo caminho para o desenvolvimento

humano.

Bourdieu (1998) chama a atenção para uma **solidariedade** possível na busca do conhecimento, visando respeitar mais os sujeitos e as realidades com as quais se veem confrontados. Alerta para um mínimo de domínio sobre o presente, impulsionando para a sua transformação em um futuro projetado. Nesta ação, o sujeito torna-se capaz de desenvolver sua capacidade de cognição, escolha, decisão e participação, criando condições para conduzir-se, e também despertar em outros sujeitos o sentido de subjetividade e objetividade, de identidades e coletividade. Bourdieu (1998) salienta que, a partir dessa mobilização, “é urgente criar condições para um trabalho coletivo de reconstrução de um universo de ideais realistas, em busca da compreensão e tratamento do mal-estar coletivo” (BOURDIEU, 1998, p. 19).

A identificação é estabelecida a partir do reconhecimento de alguma **origem em comum**, de características ou objetivos compartilhados com outros sujeitos e é com base nesta percepção que a solidariedade e o compromisso se coadunam. Concomitantemente, esse sujeito tem a oportunidade de ter a sua identidade estimulada e desenvolvida, sendo despertada para a sua autoestima, valorizando-se e fortalecendo-se enquanto sujeito, importante para si, para o outro e para o mundo, entendendo que essa identidade se produz em contato com o outro. Se ele se gosta e o mundo espera algo dele, fica mais claro como se implicar e se comprometer em questões coletivas, sociais – o sujeito se reconhece e é reconhecido pelo mundo, compartilhando o sentimento de pertencimento. Ele respeita a si mesmo, se reconhece, se pertence, portanto, posiciona-se “no centro do mundo para lidar com ele, considerá-lo, realizar nele todos os atos de presença, participação, proteção, defesa, etc.” (MORIN, 1999, p. 120).

O reconhecimento de que a identidade está sendo continuamente (re)construída, por meio da relação com o outro, da relação com aquilo que falta, muda o entendimento habitual desse conceito. O sujeito terá a capacidade de incluir-se enquanto sujeito individual e sujeito social, trazendo o mundo externo em seu universo pessoal e cultural.

Nesse processo de apropriação, enquanto sujeito-social, ele se alimenta dos saberes das dimensões psicossocioculturais, devolvendo-os para a sociedade. Essas competências, desenvolvidas nas dimensões do ser e do conviver, propiciam um movimento de ação e interação, estimulando o sujeito a tomar partido e atuar em seu contexto, buscando, quando necessário, pactos e acordos em torno de um fazer coletivo, que congrega conhecimentos específicos e diversificados, que permitem resolver questões estabelecidas ou circunstancialmente impostas.

A política de identidade tem a ver com o reconhecimento e a identificação de indivíduos representativos dentro de um determinado grupo. Segundo Agnes Heller (2000), os “indivíduos representativos” são assim considerados por terem desenvolvido atitudes de compromisso, proatividade e decisão, no sentido de que realizam até o fim a possibilidade dada. O indivíduo representativo se pertence, integra o grupo, possui lucidez em relação aos seus desafios, mostra clareza diante da necessidade de interferir e participar na sociedade. Para que o sujeito seja parte integrante e importante dela, é preciso que lance um novo olhar, redescobrimo suas peculiaridades e características, presentes na complexidade do seu espaço, que agrega memória, cultura e certa localização geográfica.

Indivíduos são representativos pelo fato de questionar seu mundo e de buscar uma nova perspectiva para o desenvolvimento humano, colocando-se como resilientes diante dos desafios a se conquistar (HELLER, 2000).

O sujeito precisa conhecer e valorizar o contexto, travando contato com os seus diversos aspectos e dimensões – políticas, sociais, econômicas, históricas, culturais, estéticas. É necessário passar a vê-lo como um polo de atração e interesse, com o qual se envolve e do qual se sente parte, a ponto de integrá-lo ao seu projeto de vida. A partir da incorporação de valores que impulsionam o sujeito em direção à busca de respostas satisfatórias para si e para o seu contexto, o sentido de pertencimento e a necessidade de contextualização se estabelecem com o ambiente, a cidade, sua comunidade, sua família etc. Aqueles espaços, antes pouco conhecidos e entendidos – que, segundo Milton Santos (2006), se constituem espaços opacos – passam a ser percebidos como espaços luminosos, visíveis, acessíveis e com possibilidade de transformarem-se em territórios a serem desbravados. Nesse fluxo, o sujeito passa a conter o lugar, reocupando-o e (re)significando-o, através de uma atuação cidadã.

Lastreado em seus valores significativos, potencializado na sua sociabilidade, em competências interpessoais e cognitivas, o sujeito passa a se constituir efetivamente em um indivíduo representativo, com capacidade de proposição e participação para intervir junto ao ambiente, multiplicando o seu saber através de ações produtivas e criativas,

estabelecendo-se assim um processo de inclusão.

O reconhecimento e a identificação dos indivíduos representativos, nomeados por Agnes Heller (2000), são construídos a partir do reconhecimento de características que são compartilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda, a partir de um mesmo ideal. Os coletivos se estruturam como um grupo específico de pessoas que se organizam por identificações, distinguindo-se por uma natureza propositiva e participativa, diante das situações postas. O processo coletivo de agir sistematicamente pode constituir-se processos de formação continuada, que reverberam em uma afirmação da identidade cultural dessas pessoas.

Algumas vezes, nessas circunstâncias, o pertencimento a um determinado grupo, pelo sentido de mobilização, comprometimento e desenvolvimento de ações comuns, faz com que o coletivo passe a ser reconhecido cultural e socialmente. Essa forma compartilhada de participar diante de demandas ou oportunidades, com presença marcante de elementos criativos e produtivos, tem gerado sementes de discursos e de metodologias que, se cuidados, têm condições de apresentar caminhos para novas formas de ação social.

Corroborando com Bourdieu (1998), é preciso inventar novas formas de trabalho coletivo, mais organizado e permanente, que seja capaz de levar em conta necessidades humanas, reunindo segmentos específicos da sociedade, tais como professores universitários, grupos organizados da comunidade, intelectuais, artistas ou agentes sociais que tragam reflexões e propostas inventivas.

O reconhecimento e a aceitação da diferença são cruciais no processo de construção das posições e dos conceitos de identidades. A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, oposições. Segundo Hall (2000),

[...] as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo [...] (HALL, 2000, p. 110).

Para ele, uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos, pois elementos significativos da história passam a reforçar afirmações atuais. Assim, a redescoberta do passado é parte do processo de construção da identidade, caracterizando-se em determinadas situações por conflito, contestação e até uma possível crise.

Para refletir sobre possibilidades de convergências e interseções entre atores sociais com experiências e qualificações individuais diferenciadas, mas com propósitos sociais comuns, vale ouvir Hall (2000) quando afirma que a identidade pode ser o ponto de encontro dos discursos e das práticas, que tentam nos representar, nos falar ou nos convocar para assumirmos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares. As identidades são, pois, pontos de apego temporário “as posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós, e o **processo pelo qual o sujeito é chamado a ocupar seu lugar**” (HALL, 2000, p. 111-112) (grifo nosso, para sublinhar a relação entre a identidade e o sujeito).

Para finalizar, cabe-nos algumas reflexões diante da significação e dos impactos dos resultados apresentados pelo *Projeto Vidas em Movimento*. Primeiramente, tendo Agnes Heller como referência, concluo que quando o indivíduo transforma conscientemente seus objetivos e aspirações particulares em objetivos e aspirações sociais, “socializando sua particularidade” com a comunidade, concretiza-se uma existência coletiva.

Neste sentido, a capacidade dos jovens em participar e intervir em processos de transformação social, potencializada a partir da identificação de indivíduo representativo, os fez se perceberem enquanto lideranças potenciais e/ou efetivamente instalados em determinado grupo, e que por meio de um processo de formação continuada foi possível constituir-se enquanto ator e autor de seu destino, na perspectiva de apropriação da sua condição de sujeito social.

Percebemos também que, em sintonia com o sujeito-individual e o sujeito-social, incluindo a compreensão das suas identidades em seu universo pessoal, social e cultural, os jovens tiveram condições de discernir, analisar, propor soluções diante de situações problemas instaladas ou emergentes, visando alterar uma situação dada para outra

desejada.

A partir da incorporação de valores que o impulsionaram a buscar respostas satisfatórias para si e para a sociedade, instalou-se o sentido de pertencimento, e a necessidade de contextualização foi estabelecida com o ambiente social, seja ele sua cidade, comunidade, escola, família etc.

Outro ponto importante a ser destacado diz respeito ao entendimento de que suas práticas profissionais têm possibilidade de, se integradas a um sistema de ação em rede, interferir na coletividade, a partir de formas de trabalho compartilhadas, nas dimensões produtivas, criativas, expressivas e multiplicadoras.

E por fim o entendimento de que princípios artísticos podem ser aplicados para potencializar práticas e especializações profissionais, considerando o alcance do trabalho da Arte nas diferentes dimensões subjetivas do sujeito. Considerando ainda o seu poder de mobilizar e provocar mudanças significativas, fortalecendo a capacidade individual e social destes jovens, enquanto responsáveis por transformações sociais para sua comunidade.

REFERÊNCIAS

BOBBIO, N. **A era dos direitos**. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

BOURDIER, P. **Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BRANDÃO, A. E. S. Arte, corpo-sujeito e comunidades de sentido no entrelaçamento educação e cultura. In: RUBIM, Antonio Albino C. (Org.). **Cultura e políticas culturais na Bahia**. Itajaí: Casa Aberta, 2016. p. 109 -126.

ESTEVES, S. et al. **Jovens escolhas em rede com o futuro**. São Paulo: Umbigo do Mundo, 2005. p.182-201.

GREINER, C. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: AnnaBlume, 2005.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença**. SILVA, T. (Org.). São Paulo: Vozes, 2000.

HELLER, A. **O cotidiano e a História**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

KATZ, H; GREINER, C. **A natureza cultural do corpo**. In: SOTER, Silvia; PEREIRA, Roberto (Org.). **Lições de Dança 3**. Rio de Janeiro: UniverCidade Ed., 2002. p. 77-98.

LEAL, M.; BRANDÃO, A. Vidas em Movimento. In: Instituto Credicard. (Org.). **Jovens Escolhas em Rede com o Futuro**. São Paulo: Umbigo do Mundo, 2005, v. 1, p. 180-189.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. **Ensinar a viver: manifesto para mudar a Educação**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

NICOLESCU, B. **Educação e transdisciplinaridade**. Brasília: UNESCO, 2000.

SANTOS, B. **A crítica da razão indolente – contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2000.

SANTOS, B.; CHAUI, M. **Direitos humanos, democracia e desenvolvimento**. São Paulo: Cortez, 2013.

VIEIRA, J. **O corpo dança**. Cadernos do GIFE-CIT, Salvador, n. 2, p. 17-30, fev. 1999.

[11] A experiência vivenciada em 2002 e 2003. com o Projeto Vidas em Movimento: formação de lideranças jovens. no

Liceu de Artes e Ofícios com base no referencial da arte como tecnologia educacional apontou, para práticas sociais de mobilização de jovens, oriundos de sete comunidades da periferia de Salvador. Integrado ao Programa Jovens Escolhas: em Rede Com o Futuro, desenvolvido pelo Instituto Credicard, o projeto teve por objetivo capacitar jovens para que, a partir do exercício prático-teórico de lideranças, desenvolvessem ações sociais e artístico-culturais em comunidades da região metropolitana de Salvador, visando atingir um atendimento direto a 300 jovens, numa faixa etária de 16 a 24 anos e com previsão de atendimento indireto a 500 jovens de 5 comunidades da Região Metropolitana de Salvador: Engenho Velho da Federação, Nordeste de Amaralina, Alto das Pombas, São Marcos, Mata Escura. Através de formação político social, empreendedorismo e economia solidária, aliado a educação para valores e para cidadania, o projeto viabilizou a organização, mobilização e articulação de jovens representativos, multiplicadores de ações comunitárias, intercambiando experiências e informações. Este projeto teve uma coordenação compartilhada com educadores da instituição, documentado ao final em capítulo de livro intitulado Vidas em Movimento (LEAL; BRANDÃO, 2005).

Beth Rangel (nome artístico). Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora da Escola de Dança da UFBA e Coordenadora do Curso Noturno de Licenciatura em Dança da mesma instituição. Coordenadora do Projeto de Pesquisa e Extensão, Arte no Currículo em Escolas Municipais de Salvador. Coordenadora do Programa PROEXT-MEC, Trânsitos: experiências artísticas como processos de ensino Endereço para acessar este CV . Contato: bethrangel19@gmail.com